

O QUE QUER, REALMENTE, A MULHER?

Gisela Cardoso: gisedp@terra.com.br

Resumo

O presente artigo analisa psicologicamente a lenda: “O que realmente quer a mulher?”, conforme o relato de Heinrich Zimmer (1998). A análise utiliza, como base teórica, a psicologia analítica de Carl Gustav Jung e as *Bases antropológicas do imaginário*, de Gibert Durand, enfatizando, de forma especial, as imagens de masculino e de feminino enquanto símbolos representativos das relações entre consciência e inconsciente em nossa formação cultural.

*Onde o amor impera, não há desejo de poder;
e onde o poder predomina, há falta de amor.
Um é a sombra do outro.*

Carl Gustav Jung

Durand (2001), da mesma forma que Jung (1964), em seus estudos sobre o Imaginário, compreende que a dinâmica psíquica repousa sobre estruturas arquetípicas que são inacessíveis à consciência, sendo possível experimentá-las apenas enquanto fenômenos psíquicos, ou seja, pela via da representação simbólica.

Ambos os autores creem que a função do símbolo seja a de mediar elementos, a princípio, inconciliáveis, e, por isso, ele é o grande “motor” do comportamento humano, já que possibilita à consciência expressar o Imaginário, ou tecer variações em torno de um mesmo tema. No símbolo – ou na representação arquetípica –, multiplicam-se imagens e comportamentos que, na lógica da consciência, se transformam em uma síntese homogênea, em algo significativo, pleno de sentido para o sujeito, o que faz do símbolo um fator organizador da psique.

A construção de significados e sentidos motivados pelos arquétipos e suas expressões, na compreensão de Durand (2001), nasce a partir das nossas primeiras reflexões imagéticas de adaptação, e dividem-se em três grandes grupos de representações arquetípicas: Regime Diurno da Imagem, Regime Noturno da Imagem

e Esquemas Rítmicos ou Sintéticos. Estes três regimes constelam uma série de representações simbólicas que se agrupam em torno de imagens associadas a cada um deles. Ao Regime Diurno está vinculado à ideia de “masculino” (*animus*, na concepção junguiana), cujos símbolos mais expressivos são o gládio, o cetro e o falo. Ao Regime Noturno, ou “feminino” (*anima*, para Jung) ligam-se as imagens da taça, do útero e da lua, além do imaginário das águas e da terra fértil. Também ao feminino vincula-se o Esquema Sintético/Rítmico do filho, que recomeça um novo ciclo (de impulsão e movimento da energia psíquica) que faz girar, assim, a roda do tempo.

Durand (2001) esclarece que esses grandes grupos arquetípicos revelam como a consciência se afirma e interpreta a nossa angústia perante a finitude da vida. O antropólogo/filósofo destaca que o Regime Diurno da Imagem está vinculado ao poder e ao desejo egoico de “vencer” o tempo, enquanto o Regime Noturno, por outro lado, se harmoniza com a intimidade corporal e com os mistérios do “caos” inconsciente através de eufemismos para a morte e para a decrepitude humana.

Além das imagens citadas acima, as representações arquetípicas do feminino abrangem um complexo de significados que são caracterizados, entre outros, como: sensibilidade emocional, intuição, beleza, maternidade, sensualidade, mistério e delicadeza. Esses atributos do feminino são, via de regra, considerados inferiores aos que foram incentivados pela cultura/consciência masculina patriarcal, a saber: coragem, força, determinação, foco e racionalidade. A mulher, como portadora e reveladora dos caracteres femininos, viu-se destituída de seu poder e desvalorizada por elementos da cultura dominante, ficando reduzida e subjugada pelo poder do masculino, que a fixou em papéis bem definidos, como de mãe, de esposa e de filha.

Tanto o masculino quanto o feminino, na visão junguiana, necessitam um do outro em nível psíquico, pois são pares complementares. Jung (2000) assevera que, quando o feminino e o masculino se encontram, psicologicamente falando, sobrevém o nascimento de uma nova consciência, e isso é benéfico não apenas para um indivíduo em particular, mas também para o sistema de valores e crenças no qual ele está inserido. Esses pares complementares contêm inúmeras particularidades e podem ser melhor compreendidos se forem analisados à luz das diferentes mitologias e/ou lendas, contos populares ou contos de fada, etc.

O lado enigmático e obscuro do feminino suportou – e não apenas de forma simbólica – perseguições e mortes cruéis, especialmente na Idade Média. Vistas como

verdadeiras bruxas, por lidarem com o poder das forças da natureza, muitas mulheres sofreram violências e/ou foram assassinadas por estarem associadas com o “lado escuro da lua”. A lógica medieval, impregnada com o maniqueísmo imperialista da consciência patriarcal, considerava que as mulheres, em sua grande maioria, eram verdadeiras aliadas do demônio. Apesar disso, Whitmont (1991) considera que o amor romântico/espiritual nasceu exatamente nesta época, talvez para compensar esta visão terrível que havia sobre as mulheres. Os cavaleiros e suas damas inspiraram milhares de histórias, enriquecendo a literatura e a dramaturgia e inspirando, até hoje, os sonhos amorosos dos amantes.

É possível que, nos esquemas significantes da evolução da consciência, o amor fosse se vinculando ao aspecto luminoso e espiritual, idealizado pela moral religiosa cristã; mas, por outro lado – e possivelmente pelos seus mistérios – ele também está irmanado às sombras das deusas terríveis, possuindo, dessa forma, um aspecto infernal e demoníaco. Em um dos romances da Távola Redonda, conforme Heinrich Zimmer (1988), é possível acompanharmos uma lenda que ilustra a desvalorização – e, ao mesmo tempo, a glorificação – do feminino na cultura ocidental. A história fala sobre um enigma lançado ao jovem Rei Artur, cuja solução salvaria sua vida.

Vejamos a história:

Reza a lenda que o Rei Artur, quando jovem, ao caçar pelas florestas vizinhas, foi descoberto e ameaçado por *sir* Gromer Somer Jour, o dono daquelas terras (caçar em terras alheias sem permissão, naquela época, era sinônimo de morte). Arthur, no entanto, estava desarmado (ele vestia apenas seus trajes – verdes – de caça) e pediu a *Sir* Gromer que lhe desse uma nova chance. Tocado pela sinceridade do Rei, o cavaleiro resolveu poupá-lo, mas não sem antes lançar-lhe um desafio: Artur deveria descobrir, no exato prazo de um ano, “o que realmente quer a mulher”. Dando sua palavra de que cumpriria a tarefa, o Rei voltou, tristemente, para a companhia de seus cavaleiros.

Gawain, sobrinho de Artur e um dos seus mais nobres cavaleiros, vendo o semblante preocupado e abatido do tio, quis saber o que havia acontecido na floresta. Artur, então, contou-lhe sobre o acontecido, e Gawain comprometeu-se a ajudá-lo na empreitada. Partiram ambos, então, a perguntar a todos os que encontravam pelo caminho: o que realmente quer a mulher?; e ouviram de tudo: “o maior desejo da mulher é ser mãe”, diziam alguns. Outros falaram que a mulher quer possuir uma

beleza estonteante e avassaladora; ou poder e riqueza; ou, então, que a mulher deseje, para si, um homem vigoroso e forte que a deseje e ame. Arthur e Gawain anotavam cada uma das soluções encontradas, esperançosos de que alguma delas satisfizesse o cavaleiro (apesar de Arthur não acreditar em nenhuma das respostas até então).

Certo dia veio ao encontro de Artur uma velha senhora que era considerada, por todos, uma bruxa horrenda e terrível. Ela concordou que responderia ao enigma proposto se Arthur promettesse casá-la com Gawain, caso a sua resposta fosse a que *sir* Gromer esperava. Se não, Artur não teria nada a perder, até porque ele iria morrer de qualquer jeito. Arthur ficou desolado, pois não podia pedir uma coisa dessas ao seu querido sobrinho. Gawain, ao saber o motivo do sofrimento do Rei, porém, ofereceu-se deliberadamente para o casamento. Voltando à bruxa, então (e cheio de pesar), Artur confirmou-lhe o casamento com Gawain, atento ao que a velha senhora lhe diria. A horrenda bruxa lhe falou, então, que o que a mulher quer, acima de tudo, é ser senhora de sua própria vida.

Satisfeito com a resposta, Artur foi ao encontro de *sir* Gromer. Antes de dar a resposta final, entretanto – e na esperança de que pudesse, ainda, poupar Gawain –, Artur entregou a ele os livros com as outras respostas encontradas. Nenhuma, no entanto, satisfizesse o cavaleiro, já pronto para a vingança. O Rei, então, disse-lhe que ainda tinha a última resposta, e expôs que, acima de tudo, o que as mulheres desejam é a soberania sobre sua própria vida¹. O cavaleiro ficou furioso e descobriu que tal resposta só poderia ter sido dada por sua própria irmã, Dona Ragnell, a bruxa hedionda da floresta, a qual ele desejava ver ardendo em uma fogueira. Furioso e sem mais ter o que dizer, *sir* Gromer desejou um bom dia ao Rei Artur e retirou-se. Dessa forma, a vida de Artur havia sido poupada, mas ele continuava triste, pois o que iria causar a Gawain não podia ser remediado.

As bodas, então, foram marcadas. A velha bruxa exigiu um casamento pomposo, e toda a corte foi obrigada a assistir, com pesar, ao jovem e galante cavaleiro unir-se, pelo matrimônio sagrado, com o ser mais desprezível de toda a redondeza. A terrível mulher comportou-se mal, comeu toda a carne que havia na festa, soltou todo o muco que tinha em suas entranhas, grunhiu e bufou, agitando-se feito um animal selvagem. Artur não sabia mais o que fazer e imaginava, com pesar, como seria a noite de núpcias do amigo e sobrinho, já que se aproximava a hora em

que os noivos estariam a sós. Entre quatro paredes, por sua vez, Gawain, como um bom cavaleiro, imaginava como faria para cumprir suas obrigações de marido. Não conseguia, porém, virar-se para a noiva, pois estava com medo do que iria ter que enfrentar. A bruxa, vendo que ele não conseguia sequer aproximar-se, pediu-lhe que o noivo lhe desse, pelo menos, um beijo de boa noite. Buscando toda a coragem possível, Gawain virou-se para beijá-la, mas, ao deparar-se com a então esposa, encontrou, ali, não mais uma bruxa horrenda, mas sim a mais bela dama que jamais vira até então, e, por isso, não podia crer em seus próprios olhos. A moça, então, explicou-lhe que estava sob o efeito de um feitiço, e que este a mantinha linda e graciosa uma parte das vinte e quatro horas do dia, e, na outra parte, a fazia horrenda e insuportável.

Caberia, agora, que Gawain escolhesse: ela seria bela durante a claridade diurna, para que todos a vissem em seu esplendor e graça, ou durante à noite, enquanto os dois estivessem, secretamente, em seu leito de amor? Vale a pena, na íntegra, o desenrolar da história contada por Zimmer (1998, p. 66):

‘Oh, Deus, a escolha é difícil’, replicou Gawain. ‘Ter-vos bela apenas à noite entristeceria meu coração, mas se decidir ter-vos bela durante o dia, dormirei em cama de espinhos. Quisera escolher o melhor, mas não faço ideia do que dizer. Querida senhora, que seja como desejais; deixo a escolha em vossas mãos. Meu corpo, meu coração e tudo o mais são vossos para que deles façais o que quiserdes; juro-o diante de Deus!’

‘Ah, dou graças, cortês cavaleiro!’, exclamou a dama. ‘Abençoado sejais, entre todos os cavaleiros do mundo! Agora estou livre do meu encantamento, e ter-me-eis bela e atraente tanto de dia como à noite’.

Então ela contou a seu deleitado esposo como sua madrasta (que Deus tenha piedade de sua alma!) a encantara com suas artes de magia negra, condenando-a a permanecer sob aquela forma asquerosa até que o melhor cavaleiro da Inglaterra a desposasse e lhe concedesse soberania sobre seu corpo e seus bens. ‘Assim fui deformada’, disse ela. ‘E vós, cortês sir Gawain, concedeste-me, sem condições, a soberania. Beijai-me agora, senhor cavaleiro, eu vos suplico; alegrai-vos e regozijai-vos’. E desfrutaram deleitosamente um do outro.

Na manhã seguinte, já passava do meio dia e Gawain não saía do quarto. Artur, apavorado, pensava que a bruxa tivesse matado o jovem cavaleiro. Bateram à porta dos noivos, então, desesperadamente, Artur e os demais cavaleiros. Gawain assustou-se e disse que já iria abrir, mesmo contra a sua vontade. Ninguém entendeu o que se passava, e Gawain, então, tomando a mão de sua dama, conduziu-a até à porta e fez com todos vissem, naquele momento, que Dona Ragnell, sua esposa, era

ninguém mais, ninguém menos, que uma esplendorosa e bela mulher que, por ter salvo a vida do Rei, havia salvo, consequentemente, toda a corte.

Assim termina essa bela história, sobre a qual veremos, agora, alguns aspectos simbólicos:

Artur, por ser o Rei – o centro do poder –, sugere uma identificação com o gládio e o cetro, pois, como símbolo do ego, ele batalha para, através da luz da consciência, manter o equilíbrio e a harmonia de seu reino. É fácil, no entanto, o “rei” ego confundir a sua tarefa de administrador da consciência – local onde ele realmente tem acesso –, com a totalidade psíquica, que está para muito além do seu domínio. Ao penetrar nas fronteiras vizinhas, Artur/o ego percebe que não impera, em absoluto, em todos os espaços, deparando-se com figuras ameaçadoras que, até então, ele ignorava. É a curiosidade (instinto de caçador) de Artur que o faz ir para as fronteiras do seu reino e, lá, encontrar o desconhecido, ou seja, as “florestas” trevosas do inconsciente e seus habitantes.

Quem aparece, em um primeiro momento, é o “dono” daquelas terras, uma espécie de guardião da totalidade psíquica, ou do Self/Si-mesmo. Esse guardião, ao alertar o Rei de que ele deveria ter pedido autorização para entrar em seu território, ocupa um lugar de guia da alma, ou de psicopompo, um encarregado de estabelecer boas relações entre ego e Self. Para que essas relações sejam adequadas, segundo Jung (1985), é preciso que construamos pontes, elos de ligação, ou que estabeleçamos uma comunicação/negociação adequada entre as duas instâncias. Enquanto não fazemos isso, o inconsciente aparece, via de regra, como algo ameaçador e terrível, como acontece com a figura de *sir* Gromer para Artur.

Sir Gromer poupou, nesse primeiro momento, a vida de Artur, mas o confronto entre ambos modificaria o Rei para sempre, já que, agora, ele estava de posse de um enigma. Quando voltou à companhia de seus cavaleiros, Artur não era mais aquele mesmo jovem que adentrou, venturosamente, na floresta. Ele trazia, agora, a consciência da própria finitude e a responsabilidade pelo desenrolar de seu destino, e, junto do seu, o destino de todo o reino.

Sir Gromer, enquanto guia da alma, parece saber o quanto Artur precisa amadurecer (suas vestes eram verdes). Ele sabe que o Rei, naquele momento, representa todo um desequilíbrio da consciência em sua inflação e unilateralidade diurna e solar. É por isso que ele impõe, para esse Rei ainda infantil, a busca das necessidades do feminino, pois a taça/o vaso/o cálice nutrem aspectos que são

fundamentais para o equilíbrio psíquico. Questionar sobre o que realmente quer a mulher equivale a refletir sobre toda uma constelação do imaginário que Artur/ego não conhece e não domina, e, por isso, ele precisa de um tempo para familiarizar-se com o tema.

Durand (2001) sugere que o símbolo da taça/cálice é também uma representação do útero, ou seja, uma metáfora da intimidade, ou das “entranhas cavernosas” da Grande Mãe. *Sir* Gromer, portanto, ao compelir Artur para que encontre significado na questão do feminino, força-o a compensar e complementar a unilateralidade do imaginário fálico/patriarcal da consciência. Durand (2001, p. 255-256) esclarece:

O gládio junto à taça é um resumo, um microcosmo da totalidade do cosmo simbólico. [...] A persistência de uma tal lenda [do Cálice Sagrado/procura pelo feminino], a ubiquidade de um tal objeto, mostra-nos a profunda valorização deste símbolo da taça, simultaneamente vaso, *gradale*, ou seja, símbolo da mãe primordial, alimentadora e protetora.

A busca do Cálice Sagrado e/ou dos enigmas do feminino indicam que, a despeito de todas as conquistas bélicas do masculino egoico, faltam a ele os valores da receptividade amorosa e morna da matéria e da natureza feminina. Dona Ragnell, portanto, pode ser vista como uma representação da Grande Deusa/ o feminino e seus mistérios. Enquanto isso, Gawain, o lado mais jovial do Rei – e, provavelmente, seu lado ingênuo e tolo –, ao perceber que Artur fora ameaçado, é quem se oferece, voluntariamente, para ajudá-lo na tarefa. Assim, ambos saem à procura da solução legítima, indo, primeiramente, buscá-la entre pessoas comuns. Mesmo colhendo inúmeras respostas, Artur, *sabe* que nenhuma delas satisfará o cavaleiro, pois ele percebe, possivelmente, que é preciso ir para além do mundo ordinário para contentar um ser tão misterioso quanto *sir* Gromer. Talvez seja por isso que apareça justamente a irmã do cavaleiro da floresta – um ser nascido da mesma profundidade – para negociar, com Artur, a chave para o enigma da mulher/do feminino.

Dona Ragnell, em sua primeira aparição, é o lado horrendo do Regime Noturno da Imagem. Ela vive, como seu irmão, nos arredores do reino, mas em outras florestas, quer dizer, em outra constelação arquetípica. A velha bruxa possui um aspecto animalesco, é um ser repugnante e asqueroso: expõe suas entranhas cavernosas, mutáveis e líquidas, e exige ser levada à luminosidade da consciência, ou seja, ela exige que todo o reino a receba com a mesma distinção que ele concede a

seus cavaleiros. Independente da aparência da mulher, no entanto, é através dela que Artur expia sua pena e salva seu destino. É interessante percebermos o fato de que a velha bruxa, ao conhecer o Rei, não expõe a verdade sobre si mesma, pois, se o fizer, o encanto negativo não se quebrará. O feitiço só será desfeito se Artur sacrificar uma parte de sua consciência (Gawain) voluntariamente, ou seja, se ele aceitar entregar seu mais dedicado aspecto para as bodas com o feminino de forma incondicional.

Percebemos que Gawain é fiel e afetuoso com o Rei, sendo, ao mesmo tempo, um jovem aventureiro, corajoso e confiante em si mesmo, pois se propõe a mergulhar no desconhecido em nome de uma causa maior do que a sua própria vida. Mas essas não são, também, características de Eros, Hermes e Dioniso? Não são esses os deuses os responsáveis pela nossa ligação com as outras pessoas e com outros aspectos de nós mesmos? Não são eles, juntamente com os aspectos do feminino noturno, os deuses que desafiam o poder da consciência, revelando que nem tudo depende da força do gládio e do poder do cetro? Se fosse um cavaleiro comum, no sentido de querer força e poder, será que Gawain se entregaria para o sacrifício da maneira como o fez? Gawain era sobrinho de Artur, o que sugere que ele poderia ser um substituto do Rei, caso este viesse a morrer. Mas o jovem cavaleiro não parece desejar, em momento algum, estar no lugar de Artur, o que indica que ele não ambiciona o poder sobre nada ou ninguém. Nem quando Dona Ragnell lhe pede que decida sobre ela, ele o faz. Gawain, portanto, está muito mais próximo dos deuses ctônicos, do que do “complexo (solar) de Zeus” e, por isso, sua atitude surpreende, pois nossa tendência é esperar que o jovem, como homem, como marido, e como cavaleiro medieval, decidisse, por sua mulher, o que seria melhor para ela, ou seja, para ele. Mas ele não diz a ela o que ela *deveria* fazer, nem se coloca em uma posição de quem sabe qual seria a melhor escolha para ela. De forma humilde e respeitosa, Gawain entrega, para a sua esposa, a soberania sobre sua própria escolha e, no momento em que faz isso, ele quebra o feitiço que a faz mostrar-se como um “mal”.

Isso equivale a dizer que o feminino, após ser acolhido de forma incondicional pela consciência, não precisa mais exibir sua face terrível e ameaçadora, e nem se dividir entre dois extremos. Gawain, ao *aceitar e permitir* que as decisões do outro, seja esse outro pessoas ou partes de nós mesmos, tenha um lugar de alteridade à luz da consciência, coloca-se em uma posição condizente com Eros e com o próprio feminino, rompendo, mais uma vez, com o comportamento habitual de quem procura, apenas, deter o poder.

Eros é um deus velho e novo ao mesmo tempo, e somente através dele é possível que haja ligação, união e movimento fértil entre os arquétipos e o ego, ou entre nós e os outros. Guggenbühl-Craig (1980), sobre Eros, vai ainda mais longe: para ele, sem esse deus, não há nem mesmo relação dos arquétipos entre si. Diz o autor (1980, p. 16):

É mérito de Eros que deuses e deusas, deuses e mortais se juntem como amantes, que novos deuses e semideuses nasçam. Sem ele não haveria movimento entre os deuses; de fato sequer haveria deuses. É Eros que faz os deuses – os arquétipos – afetuosos, criativos e envolvidos. Somente através de Eros podem os deuses ou arquétipos serem afetuosos. No que diz respeito a nós, mortais, os deuses são neutros, desumanos, distantes e frios. Somente quando eles são combinados com Eros podemos sentir seu movimento, [e aí] eles se tornam criativos, íntimos e estimulantes.

Eros está – ou se manifesta – em todas as representações arquetípicas, mas não pode ser dominado ou aprisionado neste ou naquele arquétipo, pois é absolutamente livre e autônomo. Como não podemos controlar o amor, ficamos enlouquecidos por ele, pois a tendência do ego é querer o domínio e o poder sobre toda a psique, e por isso Eros desafia o nosso Rei interno a todo momento. Para receber Eros, porém, precisamos de um recipiente capaz de perceber a sua qualidade de libertar o outro. Sem Eros, aparecem e predominam a manipulação, o controle, o domínio e a intriga, ou seja, a necessidade de poder sobre outrem, características essas que são disfarçadas, inúmeras vezes, em moralidade (GUGGENBÜHL-CRAIG, 1980).

Não há, no entanto, nada mais contraditório do que Eros e a moralidade. Eros, como todo *trickster*, caçoa de nossas “ordens” sentimentais, como o mandamento para que “amemo-nos uns aos outros”. Eros não está disponível ao nosso bel-prazer, o que nos deixa, inúmeras vezes, vazios e sozinhos. Ele pode surgir de repente, ligando-nos a pessoas ou a aspectos inesperados de nós mesmos. É por causa disso que Eros se opõe à moral, pois quanto mais nos apegamos a códigos e valores de conduta, na esperança de reter Eros, mais ele se afasta de nós, pois ele repudia as seguranças e as amarras morais que a consciência teima em lhe impor.

Por outro lado, a “imoralidade” de Eros liberta cada particularidade de nosso ser, pois ele não tem uma regra geral de conduta, o que significa que ele possui uma ética particular para cada uma das representações arquetípicas. Guggenbühl-Craig (1980, p. 16) assegura que

o guerreiro sem Eros é um mercenário brutal, um assassino insensato, um exterminador demoníaco. Com Eros, o guerreiro luta para defender valores que lhe são importantes, pronto para entregar sua vida por outros ou por ideais mais altos. Um ‘trickster’ sem Eros não é nada além de um trapaceiro e mentiroso comum, um impostor, um vigarista. Com Eros, o ‘trickster’ é surpreendente, estimulante, não se atolando em convenções e rotinas, mas continuamente revelando novos lados dele mesmo e abrindo perspectivas inesperadas àqueles ao seu redor. Ele é brincalhão e encantador. O arquétipo materno sem Eros é super-protetor, sufocando seus filhos na segurança material, preocupando-se apenas com comida, calor e segurança. As crianças não são nada além de brinquedos a serem usadas para o engrandecimento pessoal, uma extensão egoísta da própria mãe. Com Eros, no entanto, a criança, amada por sua própria causa, é inculcada com ideais, valores e visões. O papel da mãe torna-se não apenas o de mera propagação biológica, mas também o de transmitir e nutrir o espírito com humanidade.

Considerando o pensamento do autor, imaginamos que o arquétipo de um cavaleiro medieval, sem Eros, seja o de um “aspirante a Rei”; um representante típico do Regime Diurno da Imagem, sedento de conquistas, títulos, poder e heroísmo bélico. Com Eros, porém, ele torna-se não apenas um serviçal do Rei, mas também aquele que serve ao Graal, ou seja, ao feminino em si. Ele mesmo torna-se, com Eros, o recipiente capaz de gerar novos significados e nova vida, mesmo que esteja no corpo de um homem. A atitude de Gawain indica que é possível que seja produzido, em um único indivíduo – mesmo sendo ele fruto da cultura patriarcal – a ação de movimentos opostos ocorrendo concomitantemente. Quem tem Eros, não precisa seguir nenhuma norma moral, nem social, ficando cada vez mais claro, a partir do exemplo de Gawain, que os aspectos do feminino e do masculino transcendem a corpos de homens e de mulheres.

A natureza é tão dinâmica, tão cheia de movimento psíquico, que dividimos sua totalidade, na consciência, para melhor compreendê-la, mas se pudéssemos penetrar microscopicamente em nossas entranhas – físicas e psíquicas – com certeza assistiríamos ao espetáculo que gera a vida de cada um de nós, e veríamos, com toda a transparência possível, que somos frutos de uma ação conjunta, conforme reconhece Beauvoir (1970, p. 33-34):

Assim, o óvulo, em seu princípio essencial, a saber, o núcleo, é superficialmente passivo; sua massa fechada sobre si mesma, encerrada em si mesma, evoca a espessura noturna e o repouso do em si; é sob a forma de espera que os Antigos representavam o mundo fechado, o átomo opaco; imóvel, o óvulo espera. Ao contrário, o espermatozoide aberto, miúdo, ágil, representa a impaciência e a inquietação da existência. Não se deve deixar-se seduzir pelo prazer das alegorias; assimilou-se, por vezes, o óvulo à imanência, o espermatozoide à transcendência. Mas é renunciando à sua transcendência, à sua mobilidade, que este penetra no elemento feminino. É sugado e castrado pela massa inerte que o absorve depois de o

ter mutilado, arrancando-lhe a cauda. Eis uma ação mágica, inquietante como todas as ações passivas; ao passo que a atividade do gameta masculino é racional; é um movimento mensurável em termos de tempo e espaço. [...] Gametas masculinos e femininos fundem-se no ovo. Juntos, eles se suprimem em sua totalidade. [...] Há, na vida, dois movimentos que se conjugam; ela só se mantém em se superando e só se supera com a condição de se manter. Esses movimentos se mantêm sempre juntos, pensá-los separados é pensar abstratamente. Entretanto, é ora um, ora outro que domina. [...] Logo, concluímos que, fundamentalmente, o papel dos dois gametas é idêntico: criam juntos um ser vivo em que ambos se perdem e se superam.

Pensar que o masculino e o feminino, ou que homens e mulheres desejariam, acima de tudo, a soberania de uns sobre os outros, não faria jus à proposta libertária da lenda, pois dominar alguém, como sabemos, é tornar-se escravo da própria dominação, o que nos levaria a uma ideia oposta ao que a narrativa sugere. Por outro lado, se refletirmos sobre o fato de que as mulheres, historicamente, viram seus desejos e vontades serem administrados por uma sociedade machista e maniqueísta, nos faz crer que a história de Dona Ragnell também tem uma faceta social, pois ela reconhece que o feminino, por ter sido excluído da consciência coletiva pelo poder do masculino, tornou-se algo ameaçador, embora, por outro lado, desejado e idealizado por essa mesma consciência .

Beauvoir (1970) declara que a mulher foi subjugada não apenas por motivos econômicos, mas sim porque, acima de tudo, os homens sempre tiveram seu poder; poder que ela quer reconhecer e viver com soberania, assim como o querem cada um dos arquétipos que regem nossa psique. Mas ainda estamos lutando por isso, pois é preciso muita abnegação, por parte do Rei/consciência, para renunciar ao lugar (aparente) de senhor absoluto do mundo externo e interno, e talvez seja também por esse motivo que a atitude do sobrinho de Artur nos intrigue tanto, pois, ele é um homem que se *submete* ao poder de escolha de uma mulher. Ele desafia o nosso ego educado nos valores patriarcais, acostumados que estamos a ver, nos homens, o poder das decisões sobre suas mulheres.

É exatamente nesse momento que Gawain *torna-se* o cálice que acolhe e transforma a face horrenda e dividida do feminino em completude e beleza, e ocupa, assim, o lugar do arquétipo do filho, que sintetiza e guarda, em si, o eterno devir. A energia hermética/dionisíaca/erótica de Gawain une-o com o que Durand (2001) chama de “biunidade divina”, ou seja, ele é o consorte da Deusa, o elemento que contém em si o masculino e o feminino, os Regimes Diurno e Noturno da Imagem, e

que permite girar, na síntese poética e musical do seu próprio ritmo vital, a renovação da vida e a nossa possibilidade de imortalidade.

Referências:

xBEAUVOIR, Simone. *O segundo Sexo: fatos e mitos*. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1970.

BOLEN, Jean Shinoda. *As deusas e a mulher*. São Paulo: Paulus, 1990.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GUGGENBÜHL-CRAIG, Adolf. *Eros de muletas*. São Paulo: Sociedade pela democratização do saber, 1997.

JUNG, Carl Gustav. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

_____. *O espírito na arte e na ciência*. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis: Vozes, 2000.

RENNÓ, Carlos. Poesia literária e poesia de música: convergências In: OLIVEIRA, S. R.; RENNO, C., FREIRE, P.; AMORIM, M.A. e ROCHA, J; *Literatura e música*. São Paulo: Senac, 2003.

WHITMONT, Edgar. *O retorno da deusa*. São Paulo: Summus, 1991.

ZIMMER, Heinrich. *A conquista psicológica do mal*. São Paulo: Palas Athena, 1988.